



Se Sofremos por Amor, a Culpa é de Platão?

A nossa concepção ocidental de amor — a busca pela "outra metade", a ideia de que o outro nos completa — tem uma origem clara: a filosofia da Grécia Antiga. Durante séculos, esta visão moldou as nossas expectativas, as nossas alegrias e, inevitavelmente, os nossos sofrimentos.

Mas e se esta fundação estiver errada? E se o desejo não for uma falta, mas um excesso? Este é o início de um duelo de ideias que atravessa milénios, com Platão a estabelecer as regras e Nietzsche a chegar para quebrar a mesa.

A Tese: Amor Como Falta e a Busca pela Unidade Perdida

A narrativa de Aristófanes em *O Banquete*

Platão, através da personagem do comediante Aristófanes, conta uma história poderosa sobre a nossa natureza original. Antigamente, não havia dois, mas três géneros de seres humanos: masculino-masculino, feminino-feminino e o andrógino (masculino-feminino). Eram criaturas esféricas, completas, com quatro braços, quatro pernas e dois rostos.



Ponto Chave 1: **A Hybris:** A sua força e completude levaram-nos a desafiar os deuses. A arrogância (*hybris*) foi o seu crime.

Ponto Chave 2: **A Punição Divina:** Como castigo, Zeus dividiu cada ser ao meio com um raio. Desde então, a nossa natureza está fraturada. Fomos condenados a uma eterna incompletude.

Conclusão: "O amor de um pelo outro está implantado nos homens, restaurador da nossa antiga natureza, em sua tentativa de fazer um só de dois e de curar a natureza humana. Cada um de nós, portanto, é uma téssera complementar de um homem [...] e procura cada um o seu próprio complemento."

A Ascensão: Do Corpo à Beleza em Si

A *Scala Amoris* de Diotima

Para Platão, a busca pela outra metade é apenas o início.

A verdadeira jornada do amor (Eros) é uma ascensão, uma “escada” que nos leva do particular ao universal, do corpo à alma, do físico ao metafísico.

Sócrates, citando a sacerdotisa Diotima, descreve os degraus desta subida:



“Partindo das belezas particulares para subir até àquela outra beleza, e servindo-se das primeiras como de degraus.”

O Legado Platônico: Uma Cultura de Incompletude



A fusão destas duas ideias — a busca pela metade perdida e a ascensão para longe do corpo — criou a matriz do amor ocidental. As suas consequências são profundas:

- **O Desejo como Falta**

Amamos porque nos falta algo. A nossa própria natureza é definida por uma lacuna que só o outro (ou o divino) pode preencher.

- **A Desvalorização do Corpo**

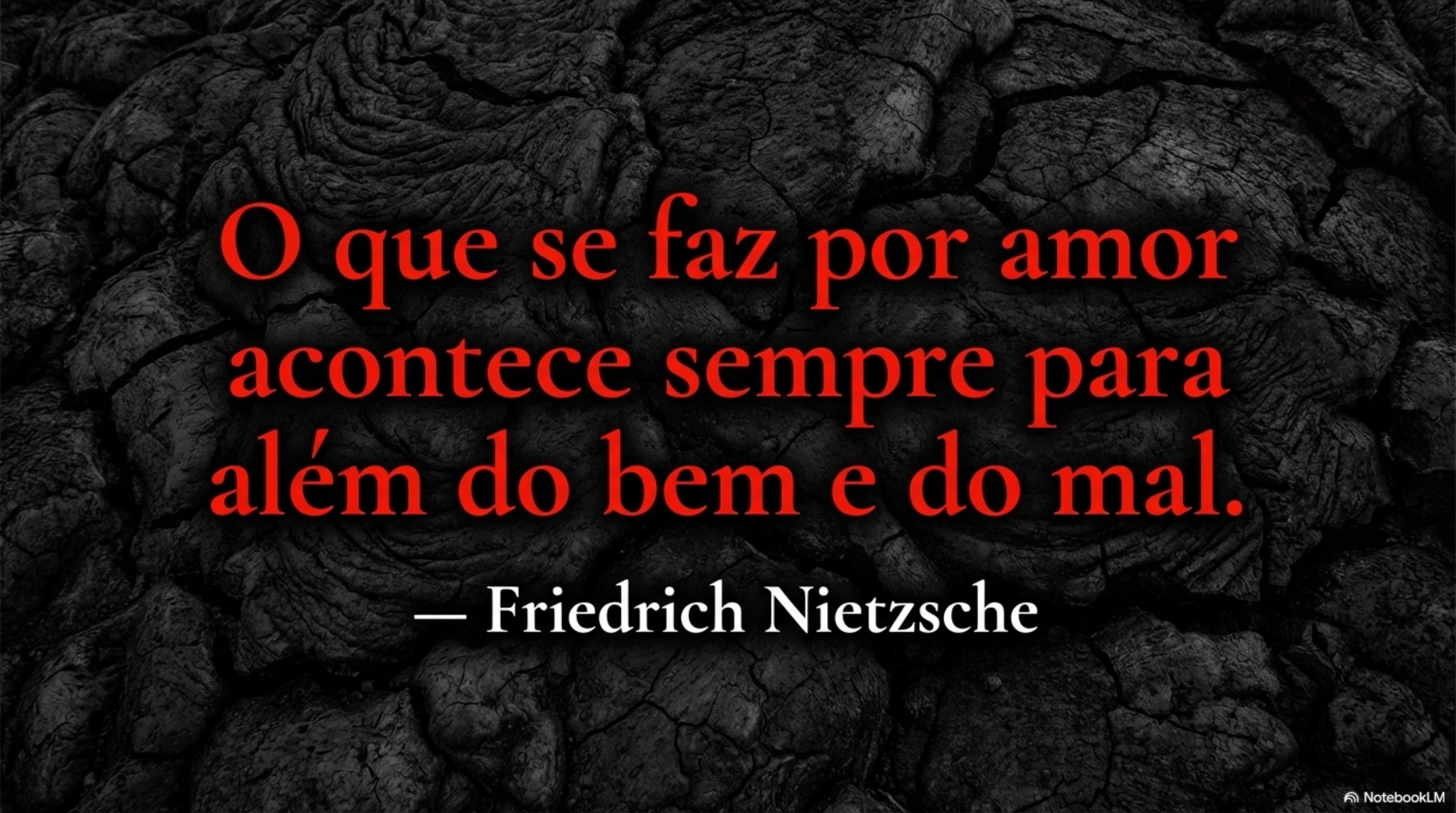
O amor físico é o degrau mais baixo, um mero ponto de partida. A verdadeira meta é **uma união** espiritual, descorporeificada. **O corpo é algo** a ser superado.

- **A Idealização do Outro**

O outro torna-se um símbolo da nossa completude, um ideal. **O amor real** é medido contra uma **perfeição** mítica, inatingível.



“Devotos deste ensinamento, os sujeitos perdem-se no desejo de um objeto impossível de encontrar, pois é um objeto inexistente, fantasmagórico, mítico.” — Michel Onfray



O que se faz por amor
acontece sempre para
além do bem e do mal.

— Friedrich Nietzsche

A Antítese: Amor Como Excesso e Vontade de Potência

Nietzsche demole a fundação platônica com uma ideia radicalmente oposta. O amor não é o lamento de um mendigo (Pobreza), mas a dádiva de um rei. Não nasce da carência, mas da abundância.

Vontade de Potência: Para Nietzsche, a vida é “aquilo que sempre tem de superar a si mesmo”. É uma força em constante expansão e transbordamento. O amor é uma das mais altas expressões desta força.



A Metáfora do Sol (Zaratustra): "Oh, grande astro, o que seria da tua felicidade se não tivesses aqueles a quem iluminas?" O sol não brilha porque precisa de algo; ele brilha porque está demasiado cheio. Assim é o verdadeiro amor: uma exuberância que precisa de se partilhar."

O amor não é o desejo de receber o que nos falta, mas o impulso de dar o que nos transborda.



A Afirmação de Si: A Virtude do Egoísmo Saudável

A tradição platônico-cristã ensina que o amor exige o sacrifício do “eu”. Nietzsche vê nisto uma moralidade de fraqueza. Para ele, só os indivíduos plenos de si podem amar verdadeiramente.

- **O Pré-requisito do Amor**

“Uma coisa é necessária: que o homem atinja a sua satisfação consigo.” Apenas quem se tornou uma “obra de arte” para si mesmo pode partilhar-se sem se esvaziar.

- **A Solidão como Virtude**

Contra a moral do “rebanho”, a solidão é o espaço necessário para o cultivo de si. “É preciso aprender a suportar a solidão” para se tornar forte o suficiente para amar.

- **O Amor como Fruição de Si**

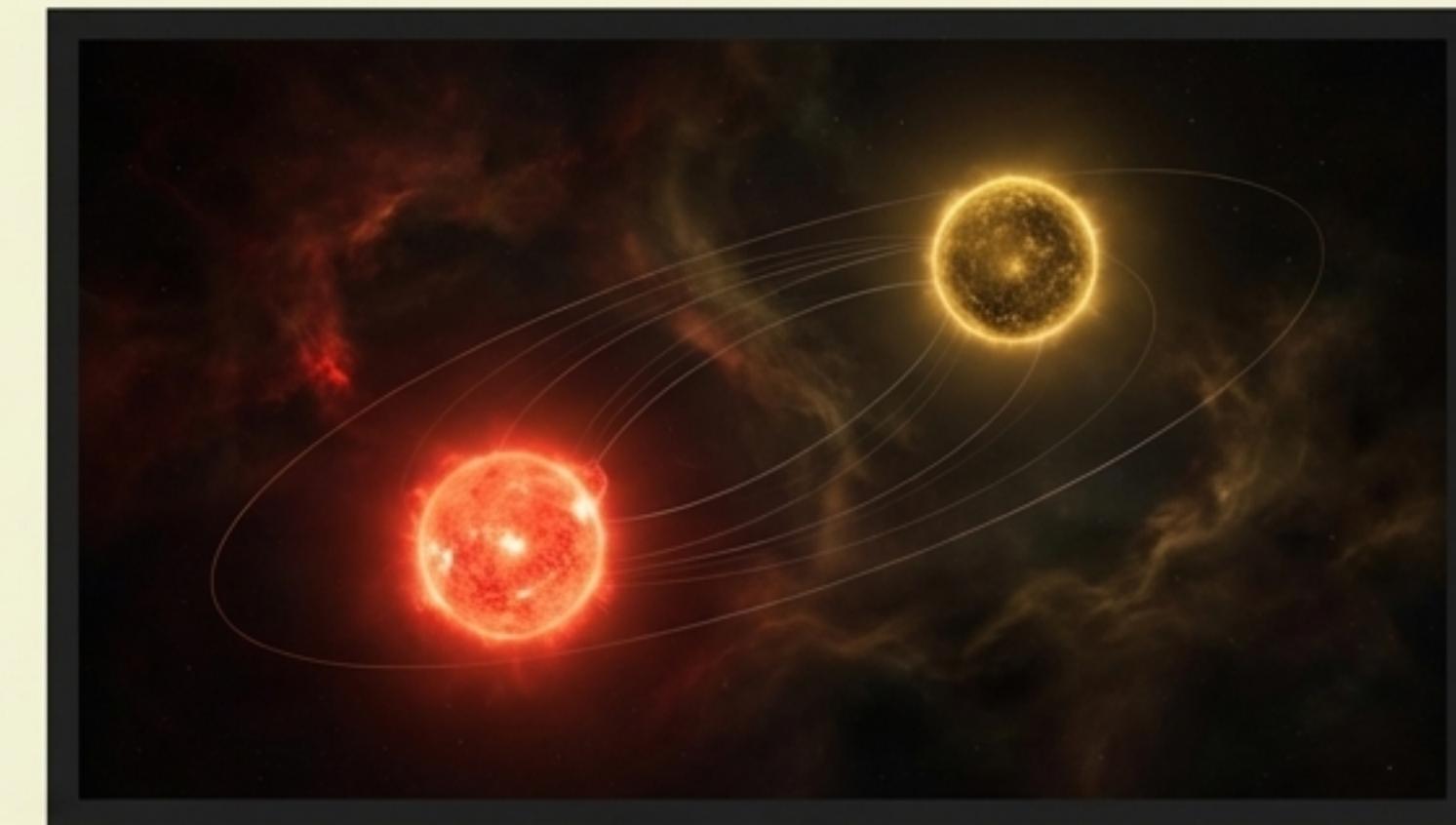
Em última análise, “não amamos pai, mãe, esposa ou filho, mas os sentimentos agradáveis que eles nos causam”. O amor é sempre uma expansão e um prazer do nosso próprio poder, uma forma de egoísmo nobre.

O Amor Superior: A Amizade e a Arte da Distância

O amor que busca a posse e a fusão (“o amante quer a posse incondicional e única da pessoa desejada”) é, para Nietzsche, uma forma de cobiça. A forma mais elevada de amor é a *amizade*.

A Amizade como Respeito pela Distância

“Somos dois barcos que possuem, cada qual, seu objetivo e seu caminho; podemos nos cruzar e celebrar juntos uma festa [...] mas a todo-poderosa força de nossa missão nos afastou novamente.”



Amizade de astros

O Amigo como o ‘Melhor Inimigo’

“Deves ter no teu amigo o teu melhor inimigo. É quando o contrárias que deves estar mais próximo dele com o coração.” O conflito estimula o crescimento e a superação mútua.

O Amor como Guerra

“Amor — em seus meios a guerra, em seu fundo o ódio mortal dos sexos.” Esta não é uma visão pessimista, mas a celebração de uma tensão criativa entre forças que se afirmam, em vez de se dissolverem uma na outra.

O Duelo de Ideias: Duas Visões do Mundo Sobre o Amor

A Visão Platónica (O Idealista)



Origem do Desejo: A Falta
Amamos porque somos incompletos.



Objetivo: A Fusão
Tornarmo-nos um só com o outro.



Atitude: A Negação de Si
Sacrificar o 'eu' pelo outro.



Horizonte: O Outro Mundo
Ascender do corpo para o ideal.

A Visão Nietzscheana (O Realista)



Origem do Desejo: O Excesso
Amamos porque transbordamos.



Objetivo: A Distância
Celebrar a diferença entre dois soberanos.



Atitude: A Afirmação de Si
Fortalecer o 'eu' para poder dar.



Horizonte: A Fidelidade à Terra
Afirmar a vida no corpo e no aqui e agora.

A Síntese: Rumo a uma Erótica Solar para o Século XXI

A colisão entre estas duas visões do mundo deixa-nos uma questão fundamental: como amar hoje? Se o modelo platônico nos condena ao sofrimento da busca por um ideal inexistente, a crítica nietzschiana oferece as ferramentas para construir uma nova “erótica solar”.

A Proposta de Michel Onfray:

Reivindicar uma filosofia do amor baseada na imanência, no corpo e na alegria. Em vez de “desejar” (de-sidere: abandonar as estrelas) buscando o céu, devemos desejar enraizando o nosso querer na terra.

Principais Desafios

1.

Superar o dualismo corpo/alma que nos ensina a desprezar a carne.

2.

Abandonar a mitologia da “alma gémea” que gera neuroses e decepções.

3.

Construir relações baseadas na abundância, não na carência mútua.



A Sabedoria do Ouriço: A Arte da Justa Distância

“Dois ouriços encontram-se num ambiente gélido. Para combater o frio, aproximam-se para se aquecerem mutuamente. Mas, ao fazê-lo, picam-se com os seus espinhos. Afastam-se pela dor e voltam a sentir frio. Oscilam entre estas duas dores até encontrarem a distância correta – a posição que lhes permite obter o máximo de calor com o mínimo de desconforto.”

Com Frio



A Picarem-se



Distância Ideal



A Lição

A relação amorosa não é uma fusão perfeita e sem dor. É um exercício constante de encontrar a ‘justa distância’. É a arte de partilhar calor sem anular o outro (ou a si mesmo) com os espinhos da individualidade.

A Equação Moderna

Não se trata de eliminar o sofrimento, mas de desenvolver relações onde ‘o êxtase compense o sofrimento’. É a condição de ter alguém para contemplar o abismo ao nosso lado.

Da Alma Gêmea ao Contrato: O Amor como Acordo entre Soberanos

Fim do Mito: “A busca pela ‘metade perdida’ pressupõe que somos seres fraturados. A nova erótica parte do pressuposto de que somos entidades integrais e autónomas.”

O Amor como Contrato: “Em vez de uma fusão mística, a relação é um pacto livre e esclarecido entre partes lúcidas e eticamente capazes. ‘Ninguém é obrigado a aceitar o pacto, mas aqueles que o subscrevem devem imperativamente manter a sua palavra.’” — Onfray.



Características do Contrato:

- * Flexibilidade: “Contratos podem ser renegociados e até cancelados, respeitando a mudança das pessoas e dos seus desejos.”
- * Transparência: “Baseia-se na troca de significados e na coincidência entre ações e declarações.”
- * Foco na Frução: “O objetivo não é a ‘completude’, mas a ‘realização do prazer e a evitação do desprazer’, a maximização da alegria na companhia do outro.”

O Desejo como Dádiva, Não como Dívida

A Perspectiva Predatória (Platônica)



A Perspectiva Generosa (Nietzscheana)



O desejo como falta leva a uma dinâmica de consumo. O outro é um objeto que pode preencher a nossa lacuna. A relação é uma tentativa de *extrair* algo.

O desejo como excesso leva a uma dinâmica de dádiva. O outro é um parceiro soberano a quem oferecemos o nosso trânsbordamento de energia, alegria e poder. A relação é um *derramamento* de potência.

Da Fusão à Justaposição: “A intersubjetividade sexual supõe menos a fusão do que a justaposição, menos a confusão que a separação.” – Onfray. É o encontro de duas totalidades, não a junção de duas metades.

A questão fundamental sobre o amor talvez não seja:

**Como posso encontrar a metade que me falta
para me sentir completo?**

Mas sim:

**Como posso cultivar a minha própria abundância
para ter algo de belo para partilhar?**

O amor não como uma busca para preencher um vazio, mas como a arte de partilhar uma plenitude. Uma dádiva, não uma dívida.

